

**OS NOMES DAS LADEIRAS DO CENTRO DE SALVADOR:
DO SÍMBOLO DA JUSTIÇA
AOS ÓRGÃOS ADMINISTRATIVOS**

Marta Maria Gomes (UNEB)

gomes.marta@uol.com.br

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB)

celinabbade@gmail.com

RESUMO

Através da toponímia, estuda-se a estreita relação entre o homem e os lugares por ele ocupado, analisando, entre outras, a ligação entre língua, cultura, sociedade e natureza, manifestada no processo de nomeação de logradouros. Dessa forma, conforme Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990), um estudo toponímico permite resgatar aspectos da memória social de um povo, sem deixar de considerar o seu contexto histórico, geográfico, social e étnico. No tocante à cidade do Salvador, objeto desse trabalho, pretende-se estabelecer novas formas de relacionar os topônimos com a história da cidade, enquanto elemento fundamental na construção da trama histórica, levando a reflexão sobre a atuação dos moradores no seu espaço geográfico. Neste artigo, os topônimos escolhidos para estudo são os que designam as ladeiras localizadas no bairro denominado Centro, assim nomeado por estar localizado no ponto central da cidade, onde fica a primeira praça da cidade, demarcada em abril de 1549, ano da fundação da cidade do Salvador. A coleta dos dados foi realizada por meio de consulta a informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Urbanismo (SUCOM). A classificação dos topônimos que compõem o *corpus* seguiu o modelo teórico-metodológico da lexicologia e da toponímia adotado por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992; 1999; 2006).

Palavras-chave: Toponímia. Salvador. Ladeiras. Justiça. Órgãos administrativos.

1. Introdução

Este trabalho compõe parte da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas, *Campus* I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como objetivo relacionar os topônimos que designam as ladeiras da cidade do Salvador com a sua história. Para tanto, fez-se um recorte da toponímia urbana, especificamente dos nomes das ladeiras situadas no Centro, bairro onde se concentrava os órgãos administrativos e da justiça.

O costume de batizar lugares compõe o hábito do homem desde os primórdios da civilização humana. “O livro sagrado dos cristãos reflete uma coletânea singular de nomes, topônimos e antropônimos dos mais

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

antigos, segundo a cosmovisão dos primitivos hebreus” (DICK, 1987, p. 26). A autora acrescenta que nos versículos iniciais do *Gênesis*, por exemplo, aparecem acidentes geográficos como nome dos primeiros rios conhecidos pela humanidade, nascidos no jardim do Éden e designados por Pisom, Gion, Tigre e Eufrates.

Nos tempos históricos sabe-se que os lugares tomavam os nomes dos seus possuidores numa valorização do indivíduo sobre a terra e o solo. Esse exercício assegura a orientação espacial e geográfica e, em alguns casos, a demarcação de posse do sujeito nomeador.

O estudo da toponímia, como é concebido, representa mais do que a busca da origem dos nomes inscritos em um determinado código linguístico, principalmente quando se procura parâmetros para uma abordagem contrastiva. Pesquisas voltadas a essa meta costumam apresentar dificuldades mais do que certezas. Implicam não apenas no conhecimento do meio em que os designativos se constroem, mas também, muitas vezes, no conhecimento do meio próximo ou vizinho. Assim, a nomeação adquire uma função muito mais ampla, pois o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato motivado de batismo de um lugar.

O processo de nomeação dos logradouros não é feito de forma casual, já que o nomeador representa, nos topônimos, os elementos que deseja simbolizar, homenagear, perpetuar, memorizar.

O estudo dos topos (lugares), objeto da toponímia, tem se tornado de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo ou de uma região, pois permite que se identifiquem fatos linguísticos, ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, a conservação ou não desses valores numa dada comunidade. O nome atribuído a um lugar ou a um acidente geográfico pode ser um componente que revele tendências sociais, políticas ou religiosas dos colonizadores e da época em que a nomeação ocorreu.

Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, p. 121), o topônimo estabelece uma relação direta entre o objeto denominado e o denominador, pois a partir da análise do nome é possível restaurar as motivações semânticas que influenciaram o denominador no ato da nomeação, já que suas percepções culturais ficam registradas nos elementos linguísticos que compõe o topônimo.

Partindo desse pressuposto, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick estabeleceu um quadro taxonômico que apresenta classificações

possíveis de enquadrar os topônimos brasileiros, baseando-se em motivações físicas (aspectos geográficos) e antropoculturais (referentes ao meio social, cultural ou a aspectos psíquicos). A autora, percebendo a necessidade de uma terminologia científica que abrangesse a nomenclatura da geografia do Brasil, publicou em 1975, um primeiro modelo taxonômico com dezenove taxes (Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, 1990). Em 1992, diante da necessidade de ampliar o sistema classificatório dos topônimos brasileiros, o quadro ganhou mais oito, chegando ao total de vinte e sete taxes.

Os estudos com base no quadro taxonômico visam a uma análise sincrônica, dispensando um retorno histórico para que a significação da denominação seja alcançada. As verificações semânticas são feitas com base no material linguístico, o que em muito favorece as pesquisas toponímicas, pois dispensa a presença do denominador, fato nem sempre possível, não só pelo distanciamento cronológico do ato da nomeação ao período da análise, como também pela dificuldade em realizar uma tarefa investigativa, *in loco*, quando se trata de uma área de pesquisa muito ampla, como no caso da formulação dos atlas toponímicos. (ALMEIDA, 2013, p. 60)

Os topônimos, neste trabalho, constituídos pelos nomes das ladeiras do bairro nomeado como Centro, importante local onde se concentrava no início da fundação da cidade do Salvador, os órgãos administrativos como a casa de Câmara e Cadeia, o Palácio do Governador e o Pelourinho, são exemplos que dão pistas do processo motivador de nomeação do signo, no sistema denominador, inclusive, na própria estrutura, caracterizando o objeto nomeado.

2. A fundação de Salvador: uma fortaleza firme e forte

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (Ítalo Calvino)

O rei de Portugal, D. João III, conhecedor das deficiências administrativas do sistema de capitânias no Brasil, resolve substituir o sistema existente por um governo-geral. Em regimento datado de 17 de dezembro 1548, D. João III estabelece normas da nova governança e determina a criação de uma cidade fortificada. Tomé de Souza é encarregado de co-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mandar a armada de três naus (Salvador, Conceição e Ajuda), duas caravelas (Leoa e Rainha) e um bergantim (São Roque). Em 1º de fevereiro de 1549 embarcaram em Lisboa cerca de mil homens, dentre os quais 101 artífices entre pedreiros, carpinteiros, cesteiros, ferreiros, serralheiros, pescadores, barbeiros, vaqueiros, físico e cirurgião, alguns degredados, um mestre de obras, Luís Dias, constituindo assim o primeiro grupo organizado de operários do Brasil, para comandar a construção da sua primeira capital.

Ao primeiro governador geral foi designada a construção de uma fortaleza e povoação grande e forte, destinada a ser a Cabeça do Brasil.

Segundo Luiz Henrique Dias Tavares (2008, p. 104), o governo geral foi criado com a tríplice função: militar, política e administrativa. Cada funcionário do escalão superior – o capitão-mor e governador, o provedor e o ouvidor – trazia regimento próprio, que definia suas atribuições na segurança militar do litoral, na administração da cidade de Salvador, na cobrança de dízimas e redízimas devidas ao rei em todas as capitânias, na fiscalização dos deveres dos donatários e dos colonos para com o rei, e no julgamento dos delitos penais.

A instituição de um governo geral, portanto, tinha o objetivo de criar um “centro de poder” para auxiliar as capitânias, onde e quando houvesse necessidade, motivo para ser fundada a cidade-fortaleza.

Thomé de Souza chegou à Bahia de Todos os Santos em 29 de março de 1549 e o padre jesuíta Manoel da Nóbrega, um dos tripulantes, escreveu o que encontraram:

Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era. Receberam-nos com grande alegria; e achamos huma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em humas casas a par dellas. (TAVARES, 2008. p. 108)

A primeira determinação do regimento era a escolha do local em que construiriam a cidade-fortaleza, e este deveria ter boas condições para o porto, ser um lugar sadio, com bons ares, abundância de água e boas condições de defesa. Para tanto, Thomé de Souza seguiu pelo mar, pela enseada, hoje conhecida como Conceição da Praia, onde desembarcou e subiu a encosta para alcançar a colina já escolhida. Obedecendo ao traçado que trouxera de Lisboa, começaram a construir a cidade no mês de abril.

A nova urbe seria, assim, construída bem no alto, no alto do morro, na parte superior de uma escarpa de mais de 60 metros acima do nível

das águas, num local de onde se descortinava o horizonte do mar. O sítio escolhido foi cercado de uma forte paliçada de madeira para evitar o ataque dos índios, e tudo foi erguido à mão utilizando pedra, barro, cal e madeira, sob a supervisão do "arquiteto e engenheiro" Luís Dias, tal e qual fora traçado em Lisboa.

Thomé de Souza trouxe de Portugal ordens expressas do rei para construir uma "cidade fortaleza". Essa medida impediria a invasão dos corsários que vinham retirar as riquezas naturais da então colônia portuguesa. Sua organização assemelha-se às cidades de Porto e Lisboa (Portugal), com forte caráter defensivo, próprio do século XVI.

Primeira cidade fundada no Brasil, Salvador teve, desde o início, a missão de ser polo de colonização da América Portuguesa, e também polo econômico da cana-de-açúcar e do tabaco. Sediou o Governo Geral até 1763, quando a capital da Colônia foi transferida para o Rio de Janeiro. Foi escolhida como a primeira sede de governo devido à excelente localização geográfica e estratégica posição econômica, passando a ser o principal porto de carga e descarga de mercadorias de todo o Nordeste. Outro fato citado por Luiz Eduardo Dórea (2006, p. 275) é o de que, recém-saído da Idade Média, Portugal via-se motivado, por diversas circunstâncias, a buscar além-mar espaço territorial e riquezas.

A preocupação da metrópole objetiva-se na solidificação da conquista e na promoção da colonização das terras brasileiras, fazendo com que, dessa forma, a construção de uma cidade fortalecida fosse vista como um fator essencial para a implementação dessa nova fase da conquista.

A construção inicial da fortaleza era composta por uma cerca de estacas, em seguida circulada por uma muralha de taipa e barro, com dois baluartes voltados para o mar e quatro para o interior, todos artilhados. Esses equipamentos foram considerados suficientes para resistir, num primeiro momento, às armas dos indígenas. Com o passar do tempo essa defesa foi substituída por pedra e cal, ganhando baluartes na parte do mar, nas torres e nas portas.

A fortaleza poderia ser batizada de "Cidade de Jesus" em honra ao filho de Deus. Mas o rei D. João preferiu nomear de "Salvador", aquele que salva. É possível afirmar que o objetivo da nomeação foi a necessidade de difusão da igreja católica, então fragilizada pela expansão lutera-na e calvinista.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo Luiz Walter Coelho Filho (2004, p. 101) a fortaleza seria a casa de Deus. Entretanto, cada igreja teria a proteção e guarda da mãe, Nossa Senhora. Os baluartes pertenciam aos santos guerreiros e missionários: São Tiago, São Jorge e São Tomé, todos masculinos. No entanto, a única porta conhecida foi batizada com nome feminino: Santa Catarina. As Igrejas de Ajuda, nome que revela desejo de apoio, e Conceição, padroeira de Portugal, foram as primeiras, manifestando a relação dos portugueses com a proteção materna.

Os baluartes e as estâncias receberam nomes de santos associados às lutas e conquistas, revelando uma relação direta com o momento histórico vivido por Portugal e o empenho da coroa com a manutenção da fé católica fragilizada pela expansão de correntes protestantes. "Os nomes escolhidos revelam a necessidade dos portugueses de afirmarem e expandirem a religião católica pelo mundo. A empreitada era econômica, política e religiosa, esse último aspecto não pode ser desprezado". (COELHO FILHO 2004, p. 105)

Observa-se algo em comum na nomeação: o simbolismo religioso dos nomes escolhidos. Tudo estava associado a espíritos guerreiros e missionários, sintetizando a ideia de união em torno do projeto de expansão católica da coroa portuguesa.

Luiz Eduardo Dórea (2006, p. 275) acrescenta que no primitivo sítio da Cidade do Salvador, localizado em áreas nomeadas a partir da presença de alguma construção, pertencente a uma das muitas ordens religiosas que se instalaram dentro dos seus limites, havia ruas batizadas a partir de uma única profissão, que era a mesma exercida por todas as pessoas que ali moravam. Um costume tipicamente medieval.

Desta forma, pode-se afirmar que a toponímia de uma cidade está diretamente relacionada à sua constituição inicial, enquanto aglomerado urbano e, estudar estas relações, reconhecer suas manifestações e mudanças com o passar do tempo, pode contradizer a ideia de que o signo topônimo é empírico e arbitrário, uma vez que ele pode revelar muito de uma época.

Segundo Luiz Henrique Dias Tavares (1974, p. 93) Salvador foi a primeira cidade realmente fundada como cidade no Brasil. Antes de 1549, existiam vilas criadas pelos donatários das capitânicas hereditárias ao longo da costa brasileira.

Em sua dupla condição de cidade-fortaleza, centro administrativo e entreposto comercial, Salvador cresceu em dois planos: na cidade baixa, o bairro da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

praia, com ribeira das Naus e as casas do comércio; na parte alta, os bairros de S. Bento (incluindo Sé), Palma, Desterro, Saúde e Santo Antônio Além-do-Carmo. (TAVARES, 1974, p. 95)

A cidade do Salvador, a mais antiga capital do país, foi fundada sob o símbolo militar dos fortes, tendo em vista o controle do território pelos colonizadores portugueses. O critério militar era estrategicamente defensivo. Teve, desde o início, a missão de ser polo de colonização da América Portuguesa e polo econômico da cana-de-açúcar e do tabaco. Sediou o governo geral até 1763, quando a capital da Colônia foi transferida para o Rio de Janeiro.



Figura 01 - “Planta da Cidade d. Salvador”⁵². Fonte: Reis (2001)

A existência de um despenhadeiro, relativo a uma falha geológica de Salvador, possibilitaria a divisão da cidade em dois planos e, a um só tempo, repartiria as atividades: no alto, a Cidade Alta se consolidaria em local de moradia, de comércio a varejo e das atividades político administrativas. No declive da encosta, a Cidade Baixa, se desenvolviam o comércio por atacado e as intensas atividades portuárias. Conforme Torres:

Desobedecendo aos princípios comuns do urbanismo das cidades construídas somente em superfícies planas, a Bahia fôra edificada sobre montanhas, vales e baixios, fato que concorreu para se lhe surgirem aspectos singulares, sendo por isso a cidade mais original do Brasil. A capital apresenta três planos, o baixo, o alto e o médio, sendo conhecida pela cidade dos três andares. Os três planos formam outras tantas cidades, possuindo comércio e vida próprios e se comunicam por ladeiras, arcs, viadutos, ruas e avenidas. (TORRES 1950, p. 12)

Ao longo do seu desenvolvimento e expansão demográfica, ocorreria a ocupação das áreas da própria escarpa, principal elo entre as áreas

⁵² Cópia manuscrita, incluída no códice “reção do Estado do Brasil”... Biblioteca Pública do Porto. Ca. 1605 (ca 1616) p. 308 (REIS, 2001 p. 16).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

alta e baixa. Tal separação geomorfológica, contudo, implicaria em um impedimento à articulação entre os dois níveis, com contratempos à mobilidade da população e, em particular, à elite que residia na parte alta da cidade, mas mantinha atividades empresariais na parte baixa.

Era evidente a necessidade de criar meios de comunicação e deslocamento entre as autoridades governamentais que ocupavam a cidade alta com as atividades comerciais que ficavam na parte baixa e de transporte para os mais variados tipos de mercadorias que chegavam ao porto, ou nele seriam embarcadas.

Para resolver o problema do desnível conferido pela geomorfologia do terreno, foram abertos tortuosos caminhos e ladeiras, além de rampas e escadarias que possibilitariam, ao longo da encosta, as rotas para o percurso da população, inclusive, dos homens de negócios. Obtinha-se, desse modo, o resultado necessário ao primeiro sistema de circulação e transporte de pessoas e mercadorias na Salvador do século XVI.

Posteriormente, foram construídos pelos jesuítas os primeiros guindastes (que se tornariam os planos inclinados) movidos, então, pelo esforço da mão de obra escrava. A urbanização das ladeiras da encosta já era prevista por Luís Dias no século XVI, conforme Silva (1953, p. 117): “Esta nossa Salvador foi e será sempre, por inunção topográfica, uma cidade de ladeiras e, em consequência de elevadores [...] muitas casas podem fazer nestas ladeiras se isto houver de ir adiante”.

Da sua fundação até os dias atuais a cidade passou por diversas fases, tendo sido, inclusive, chamada de “Bahia” pelos moradores do próprio estado. Também já recebeu alguns epítetos: “Capital da Alegria”, pela força de festejos populares como o carnaval; “Roma Negra” por ser considerada a metrópole com maior percentual de negros localizada fora da África.

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada em 2014 era de 2.902.927 pessoas, sendo hoje o município mais populoso do Nordeste, o terceiro mais populoso do Brasil e o oitavo da América Latina.

No século XXI, a cidade se caracteriza pela modernização baseada em aspectos do progresso, circulação e estética. Várias transformações físicas ocorreram, descaracterizando partes da cidade, como demolições parciais de edificações, abertura e alargamento de ruas, nivelamento de

ladeiras e reforma de casas térreas, que foram transformadas em sobrados e prédios altos.

Não obstante, percebe-se que a cidade moderna acentuou seu papel enquanto *locus* da reprodução econômica, sem deixar de ser o espaço social. Cada vez mais, os espaços da cidade são alterados para atender a essa lógica, que não é nova, mas que apresenta uma roupagem atualizada, um simulacro moderno.

Atendendo a essa nova perspectiva a cidade foi dividida nos finais do século XX por Regiões Administrativas (RAs) pelo Decreto Municipal nº 7.791/87. Posteriormente em 2008, com advento da Lei nº 7.400/2008, relativa ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), consolidaram-se as divisões atuais das RAs em 18 Regiões Administrativas: RA I - Centro, RA II – Itapagipe; RA III - São Caetano; RA IV - Liberdade; RA V - Brotas; RA VI - Barra; RA VII - Rio Vermelho; RA VIII - Pituba/Costa Azul; RA IX - Boca do Rio/Patamares; RA X - Itapuã; RA XI - Cabula; RA XII - Tancredo Neves; RA XIII - Pau da Lima; RA XIV - Cajazeiras; RA XV - Ipitanga; RA XVI - Valéria; RA XVII - Subúrbios Ferroviários e a RA XVIII - Ilhas de Maré e dos Franceses.

No presente artigo, optou-se por analisar a motivação toponímica presente na nomeação das ladeiras situadas integrante da Região Administrativa I (RA I), bairro do Centro, conforme Figura 2.

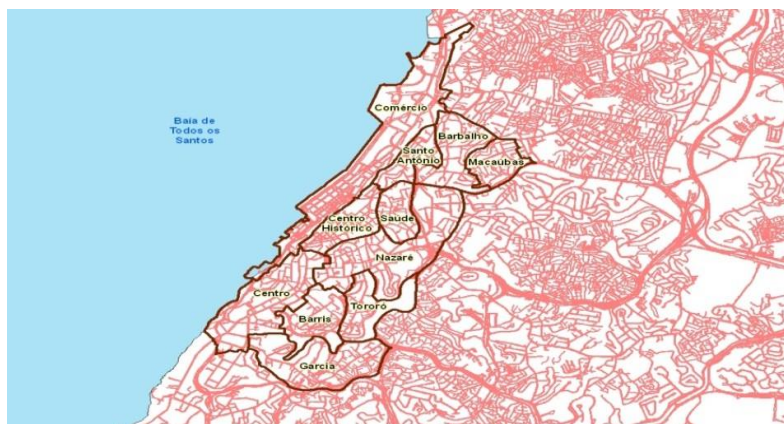


Figura 2: Mapa da Região Administrativa I (RA I) Centro. **Fonte :** (CIAGS)⁵³

⁵³ <http://www.gestaosocial.org.br/>

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

3. *Centro de Salvador: do símbolo da justiça aos órgãos administrativos*

Bairro com importância histórica onde, ao longo dos primeiros séculos, logo após fundação da cidade, sediou os dois principais edifícios ligados ao poder do Estado, a *Casa de Câmara e Cadeia* e o *Palácio dos Governadores*, monumentos gradualmente reconstruídos, aumentados e aperfeiçoados, com o decorrer dos séculos. A Praça do Palácio se destacava pela situação de expansão arquitetônica, resultante da grande janela aberta mostrando a paisagem natural da baía, constituindo um dos mais belos cenários capturados na parte elevada da cidade, hoje visitados por turistas de toda parte do mundo.

Era na praça principal, hoje Praça Thomé de Souza que ficava o pelourinho. Segundo Luiz Walter Coelho Filho (2008, p. 333), Gabriel Soares Souza informa a presença do pelourinho⁵⁴, na referida praça em 1586. Em 1603, entretanto, o Governador Diogo Botelho desembarcou na cidade de Salvador e instalou-se no palácio do governo, local onde em frente ficava o pelourinho, o que o deixava triste ao lembrar que quase foi degolado ao pé de um pelourinho por ocasião da passagem do trono ao domínio espanhol, como aliado do grupo de D. Antônio do Crato. Assim, mandou transferi-lo pra outro lugar, removendo-o de sua visão.



Figura 4 - Câmara Municipal de Salvador, antiga Casa de Câmara e Cadeia da Cidade de Salvador. Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Câmara_Municipal_de_Salvador. Acesso em: 20 jan. 2016.

⁵⁴ Instrumento talhado de uma coluna de pedra ou madeira, colocado num lugar público de uma cidade ou vila onde as autoridades expunham e puniam os criminosos. Era semelhante ao tronco, instrumento de punição dos escravos.

Desde sua primeira remoção, em 1603, foi instalado em diversos locais. Em 1807, o pelourinho foi instalado na porta do Carmo, atual largo do Pelourinho, onde permaneceu até 1835, quando a Câmara Municipal resolveu removê-lo, definitivamente, permanecendo apenas como nome do bairro.

Ao longo dos anos do desenvolvimento urbano de Salvador foram muitas as construções ligadas à administração pública que foram interrompendo a vista.

Francisco Gonçalves Martins, futuro Visconde de São Lourenço, em 1852 defendeu a tese de que, para “o aformoseamento da Cidade”, seria necessário demolir o edifício da Relação e a Casa da Assembleia Provincial. Esta sugestão do Visconde precedeu, em 17 anos, o pedido de demolição da Casa da Relação feito por Antônio de Lacerda, em 1869, para a construção do Elevador Hidráulico da Conceição. (SAMPAIO, 2005, p. 69). Ou seja, na década de 1870 o espaço já se veria totalmente liberado em sua face ocidental também atendendo ao objetivo de permitir a edificação do primeiro ascensor hidráulico da cidade, o **Elevador Lacerda**.

O bairro nomeado como **Centro** da Cidade de Salvador é também composto por importantes sítios históricos como, por exemplo, o **largo Campo Grande**, também denominado **Praça Dois de Julho** que durante o século XIX foi cenário de combates que precederam a luta pela Independência da Bahia (SANTOS *et al*, 2010, p. 348).

O **Centro** nasceu no início do século XIX e em seu entorno aconteceram uma série de transformações urbanas no decorrer da sua história. Com atividade cultural ativa, principalmente devido aos Teatros Castro Alves (TCA) e Vila Velha, sua origem está relacionada com a chegada da família real a Salvador em 1808.

4. Análise toponímica

Apresenta-se agora a descrição e análise dos topônimos que designam as ladeiras do Centro, considerando além dos aspectos linguísticos, breves alusões aos aspectos históricos e culturais do lugar. Os topônimos selecionados estão organizados em quadro resumido que auxiliação na quantificação e classificação toponímica.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

TOPÔNIMO/ TAXONOMIA/ ORIGEM/ CONTEXTO	MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA
<p>LADEIRA DA MISERICÓRDIA HIEROTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>miseri</i><i>codia</i>, < <i>miseri</i><i>cors</i>-<i>dis</i>, <i>miser</i> + <i>cor</i> -<i>dis</i> ‘coração’. Contexto: <i>A história entendida como presente histórico e memória viva é o mote da intervenção que promove um diálogo de tempos no território da ladeira da Misericórdia</i> (CARLSSON 2007, p.143).</p>	<p>Considerado um dos topônimos mais antigos em uso na cidade. Na época em que Tomé de Souza iniciou as obras de construção de Salvador, era o caminho localizado ao norte da Praça do Palácio, e por ele subiam carros, transportando mercadorias oriundas da praia (DÓREA, 2006, p. 88). O batismo “ladeira da misericórdia” se deve à presença ali, desde os primeiros tempos da fundação de Salvador, da igreja e hospital da Santa Casa de Misericórdia.</p>
<p>LADEIRA DA PRAÇA SOCIOTOPÔNIMO Origem: Do lat. vulg. <i>plättēa</i> < <i>plātēa</i> ‘rua larga’ Contexto: <i>A fina figura de uma criatura... Descendo no samba a ladeira da Praça.</i> (Galvão/Moreira 1974).</p>	<p>A Praça, posteriormente nomeada por Praça Municipal, hoje, Praça Thomé de Souza, durante muito tempo foi conhecida simplesmente como “a praça” por ser a única da cidade. O trecho aladeirado que dá acesso à praça, do lado esquerdo da Casa da Câmara e Cadeia, que também não tinha nome, passou a se chamar Ladeira da Praça. Um batismo que sobrevive até os dias atuais, mesmo depois de a Praça, hoje Praça Thomé de Souza ter passado por diversos batismos (DÓREA, 2006, p 94).</p>
<p>LADEIRA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA HIEROTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>conceptus</i> ‘fruto, concepção’, ‘fecundação’ Contexto: <i>[...]do Recôncavo, os arcos da ladeira da Conceição da Praia, as jangadas na pesca do xaréu, as ruas onde os moleques jogam futebol</i> (AMADO 1945 p.39).</p>	<p>A Ladeira da Conceição, construída por Filipe Guilhem, em 1549, tinha início na Praça do Palácio – hoje, Praça Municipal ou Tomé de Sousa, na qual ainda podem ser observados diversos estilos arquitetônicos – descia pela encosta até o ponto correspondente ao Baluarte (ou Forte) de São Tomé, onde mudava de direção, continuando até um ponto próximo à ermida (hoje igreja) da Conceição. A Ladeira da Conceição da Praia conta a história da mobilidade urbana, no início da fundação de Salvador, quando Tomé de Souza chegou em navios portugueses, com tropas armadas e em formação de batalha em frente ao local onde hoje fica a igreja da Conceição da Praia.</p>
<p>LADEIRA DA MONTANHA GEOMORFOTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>montaneus</i> ‘relativo a uma elevação’ < <i>mons</i> ‘montanha’. Contexto: <i>Pedro Bala, enquanto sobe a ladeira da Montanha, vai pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao</i></p>	<p>Mais conhecida pelo nome popular, a Ladeira da Montanha foi oficialmente intitulada de Barão Homem de Melo, em referência ao então presidente da província, que solicitou a construção. A Ladeira foi escavada na rocha, com extensão de 661,9 metros. As encostas da Ladeira da Montanha, além do referencial histórico, guardam muito da memória sócio antropológica da cidade. As famosas “casas de tolerância” do passado apesar da triste condição social de seus moradores, eram recantos de boemias da velha Bahia. Os casarões que abrigavam “mulheres da vida”, em tempos passados foram</p>

<p>azar, nas ruas da Bahia (AMADO 2001, p. 135).</p>	<p>verdadeiros espaços democráticos, já que recebiam pessoas de todas as classes sociais (DÓREA, 2006, p. 228).</p>
<p>LADEIRA DA PREGUIÇA ANIMOTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>pigrítia</i> ‘aversão ao trabalho’. Contexto: <i>Sem erguer sequer os olhos para a casa de Dona Flor, mudando a rota, embicou para o mar largo, desceu rápido a Ladeira da Preguiça</i> (AMADO, 1966, p. 124.)</p>	<p>A ladeira da Preguiça, também conhecida como Caminho de Carro, era o local por onde chegavam os volumes grandes desembarcados na Alfândega. Foi uma das três primeiras ladeiras construídas em Salvador, provavelmente já no século XVII, após a abertura das ladeiras da Misericórdia e da Conceição. Cumpria então o papel de ligar o porto da cidade à Cidade Alta. Sua importância de outrora pode ser mensurada pelo fato da praia do bairro Dois de Julho ter recebido seu nome: Litoral da Preguiça. A ladeira da Preguiça é uma das denominações mais antigas e curiosas. Originou-se do tempo em que poucas ladeiras, em boas condições, existiam entre as cidades Alta e Baixa.</p> <p>A nomeação da ladeira refere-se ao fato de que as mercadorias eram transportadas do porto para a cidade, nas costas dos escravos ou em carretas puxadas por bois, e empurradas por escravos. A elite da época, a qual residia em casarões ao longo da via, costumava divertir-se com gritos de "sobe preguiça!" ao presenciar os escravos subindo penosamente a ladeira.</p> <p>Outra motivação, segundo a Secretaria de Turismo da Cidade de Salvador, era que os escravos reclamando do trabalho pesado, diziam que subir a ladeira "dava preguiça".</p>
<p>LADEIRA DA BARROQUINHA LITOTOPÔNIMO Origem: De uma forma pré-romana, diminutivo de <i>barroca</i> ‘monte de barro’. Contexto: <i>Dentro dos próximos dias será iniciada a obra de recuperação da Ladeira da Barroquinha, onde fica instalada a tradicional Feira do Couro</i> (Jornal Tribuna da Bahia, publicado em 08/05/2014).</p>	<p>Segundo Luiz Eduardo Dórea (2006, p. 83), esse designativo foi incorporado no século XVIII, refletindo a realidade do povo, “que se referia às águas que, na estação chuvosa, ali mansamente faziam seu trabalho de erosão, escavando o terreno quando escorria das Hortas de São Bento” (DÓREA, 2006, p. 223).</p> <p>A ladeira da Barroquinha é também conhecida como Ladeira do Couro, por haver no local um vasto comércio de produtos oriundos de couro.</p>
<p>LADEIRA DAS HORTAS FITOTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>hórtus</i>, ‘jardim, pomar’. Contexto: <i>[...] tendo ao fundo a Ladeira das Hortas chegando até o mosteiro, além de outra representação do próprio mosteiro, com suas vastas hortas e pomares,</i></p>	<p>Sua nomeação quinhentista tem origem no antigo nome - Rua das Hortas de São Bento, situada entre o largo de São Bento e a Rua da Barroquinha. No século XVIII o local reunia inúmeras hortas, daí a sua denominação. O Mosteiro de São Bento, fundado em 1581, localizado no plano elevado da ladeira, dominava o bairro com sua grande igreja e imponentes construções. As hortas do Mosteiro, cercadas por muros, desciam a encosta até as proximidades do pântano, que nomeou o lugar de Hortas de São Bento. A Ladeira das Hortas rodeava o muro do</p>

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

<p><i>visto pelo lado da Rua do Paraíso que, então, só contava com algumas poucas casas. (REBOUÇAS, 1996, p. 160).</i></p>	<p>Mosteiro e se tornou uma trilha que ia para Rua da Vala, atual Av. J.J. Seabra, conhecida popularmente como Baixa do Sapateiro (SILVEIRA, 2010, p.4).</p>
<p>LADEIRA DO GABRIEL ANTROPOTOPÔNIMO Origem: Do heb. Gabriel, de <i>gêbher</i> ‘homem, homem forte’ + <i>el</i> ‘Deus’, assim, “fortaleza de Deus”. Contexto: [...] <i>Já os veículos que estão na Av. Contorno e querem seguir em direção à cidade alta terão que acessar a Ladeira do Gabriel seguindo pela a Ladeira dos Aflitos (Jornal Correio, Acesso em 13 jul. 2016).</i></p>	<p>A Ladeira do Gabriel foi assim nomeada por está localizada em terreno que pertencia a Gabriel Soares Souza, homem muito religioso, que em testamento doou suas propriedades para o Mosteiro de São Bento. A Gabriel Soares Souza se deve muito sobre os registros dos primeiros tempos da colonização brasileira, pois é autor do Tratado Descritivo do Brasil em 1587 (DÓREA, 2006, p.210). A ladeira do Gabriel liga o largo dois de Julho ao Solar do Unhão, importante museu soteropolitano, no mesmo sítio se encontram a rua Gabriel Soares Souza e a fonte do Gabriel.</p>
<p>LADEIRA DOS AFLITOS HIEROTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>afflictus</i> ‘cheio de aflição, atormentado’. Contexto: <i>Numa cidade que denominava seus sítios de ladeira dos Aflitos, Beco da Agonia e ladeira da Misericórdia, inexistia pior lugar do que aquele (MAGALHÃES 2012, p. 5).</i></p>	<p>Em 1748 foi inaugurada a Igreja dos Aflitos que homenageia Nosso Senhor dos Aflitos, santo de origem portuguesa. Como é tradição, em Salvador, a Igreja deu nome ao Bairro dos Aflitos onde ficam localizado o largo, o mirante e a ladeira dos Aflitos. Segundo Alves (2008, p. 20), os relatos históricos contam que a igreja teria sido utilizada como trincheira pelas tropas portuguesas durante a Independência da Bahia. O nome, segundo as informações do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), vem de uma promessa do fundador, o português Antônio Soares, de oferecer a obra ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos.</p>
<p>LADEIRA DA FONTE HIDROTOPÔNIMO Origem: Do lat. <i>fons-tis</i> ‘nascente de água, chafariz’. Contexto: <i>A Ladeira da Fonte permanece interdita na tarde desta quinta-feira (3) por conta de um alagamento, provocado pelas chuvas que atingiram Salvador na manhã de hoje. (Jornal CORREIO, Acesso em: 14 jun. 2016).</i></p>	<p>Conforme Luiz Eduardo Dórea (2006, p. 86), o batismo original dessa ladeira foi Ladeira da Fonte do Forte de São Pedro, por conta da sua proximidade com o Forte de São Pedro. A fonte de São Pedro foi construída entre os séculos 18 e 19 com alvenaria de pedra e é composta por uma galeria de captação de água, frontispício e bacia de recolhimento de água servida, que fica em nível abaixo da rua. No final do século XVIII, Vilhena (1969, p. 103) se refere a ela dizendo “Ao sul da cidade, e a pouca distância dela, fica o Forte de São Pedro, e um pouco adiante dele fica a Fonte de São Pedro, cuja água é de todas a melhor quanto à qualidade”. Domingos Rebelo, em sua Corografia do Império do Brasil (1829), relacionou-a como uma das que se situava na Freguesia de São Pedro. Braz do Amaral citou-a em seu livro “História do Brasil, do Império à República” como sendo a melhor fonte de água potável de Salvador. (GUERREIRO, 2015, p. 01).</p>

5. Considerações finais

Neste estudo percebe-se que, na maioria dos topônimos analisados, a nomeação está relacionada com o simbolismo religioso advindo de entes divinos, evidenciando o comprometimento do Reino com a manutenção da fé católica.

A religiosidade se manifestou desde o descobrimento de forma expressiva. Logo, no período de reconhecimento da costa, quando fixaram-se nos acidentes avistados, a nomeação se deu segundo os preceitos católicos romanos. Obviamente, os primeiros habitantes da cidade de Salvador não se esqueceram de Deus nem a crença na fé católica, oriundos de sua sujeição ou descendência dos europeus, e constantemente pregados pelos jesuítas com objetivo de aumentar a fé cristã.

Foram encontrados topônimos que designam ladeiras, com nomeação relacionadas a nomes e sobrenomes de pessoas ilustres, os antropônimos, comprovando uma prática corriqueira no Brasil, a de homenagear famílias de alto poder aquisitivo. Estas representações estão conectadas a motivações extralinguísticas e revelam traços socioculturais da identidade do povo baiano.

Registra-se, também, os hidrotopônimos em referência as diversas fontes existentes no início da povoação soteropolitana que deram nomes a diversos logradouros. Em todos os tempos, a água potável foi determinante na formação dos aglomerados humanos, desde as primeiras aldeias de índios até as grandes e modernas metrópoles atuais.

É sabido que desde os primeiros escritos a respeito do novo mundo, a mística envolvendo a riqueza brasileira sempre esteve presente, daí a presença de muitos logradouros nomeados com elementos da índole mineral.

Salvador, capital da Bahia, é a terra da alegria, de grandes belezas, inspiração de muitos poetas, autores, compositores que cantam em verso e prosa seus encantos e mistérios. Cidade que atrai quem a visita e se revela através dos nomes de suas ruas, ladeiras, largos, avenidas, bairros, praças, becos e vielas, seduzindo moradores e visitantes. Cada logradouro conta uma história, que se transporta para o passado e no presente revela emoções que só quem transita pela cidade pode sentir.

No sobe e desce das ladeiras, consideradas as artérias pulsantes do coração da cidade, é possível constatar a importância histórica e contem-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

porânea desses acidentes geográficos presentes em toda capital baiana. É possível, também, identificar na Salvador do século XXI marcas, heranças e legados dos séculos passados, convivendo com as novas formas e tecnologias produzidas pela sociedade contemporânea. Mas as ladeiras permanecem fundamentais no cotidiano da Cidade de Salvador.

As ladeiras do centro são linhas que interligam diversos bairros da cidade, unindo-os num todo, onde ao longo do tempo, seus moradores deixaram a sua marca, e sua identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lizir Arcanjo. *A cidade da Bahia no romance de Jorge Amado*. Salvador, Casa de Palavras, 2008.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. 27 ed. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1977.

_____. *Dona flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1966.

_____. *Capitães de areia*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1937.

AMARAL, Braz Hemenegildo do. A fundação da Bahia. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n. 36, Salvador, 1911.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BULHÕES, Adalberto. *Delimitação de bairros e de bacias hidrográficas de Salvador*. Disponível em:

www.gestaosocial.org.br/conteudo/nucleos/aguas/Proposta%20Metodologica.doc. Acesso em: 10-10-2015.

COELHO FILHO, Luiz Walter. *A fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2004.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia brasileira: os estudos que faltam*. Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DÓREA, Luiz Eduardo. *Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: Edufba, 2006.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do bororo à toponímia brasílica*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GRAHAM, Richard. *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

MORAIS, Melo. *Praças, ruas, e ladeiras da cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1959.

MUÑOZ, Rosana. *O processo de ocupação urbana da encosta de Salvador do século XVII ao século XX*. Disponível em: <<http://unuhostpedagem.com.br>>. Acesso em: 20-10-2015.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *A cidade imaginada ou o imaginário da cidade*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000100006>. Acesso em: 14-08-2015.

PEIXOTO, Afrânio. *História do Brasil*. 2. ed. Cia. Ed. Nacional, 1944.

REBOUÇAS, Diogenes. *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*. Salvador: Odebrecht, 1996.

REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SALVADOR. *Guia do turista*. Disponível em: <<http://www.guiadoturista.net/bahia/salvador.html>> Acesso em: 10-05-2015.

SANTOS, Elizabete et al. *O caminho das águas de Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes*. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SANTOS, Milton. *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2008

SILVA, Alberto. *A cidade d'El-Rei: aspectos seculares*. Salvador: Diretoria do Arquivo, Divulgação e Estatística da Prefeitura Municipal do Salvador, 1953.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.

TORRES, Carlos. *Vultos, fatos e coisas da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1950.